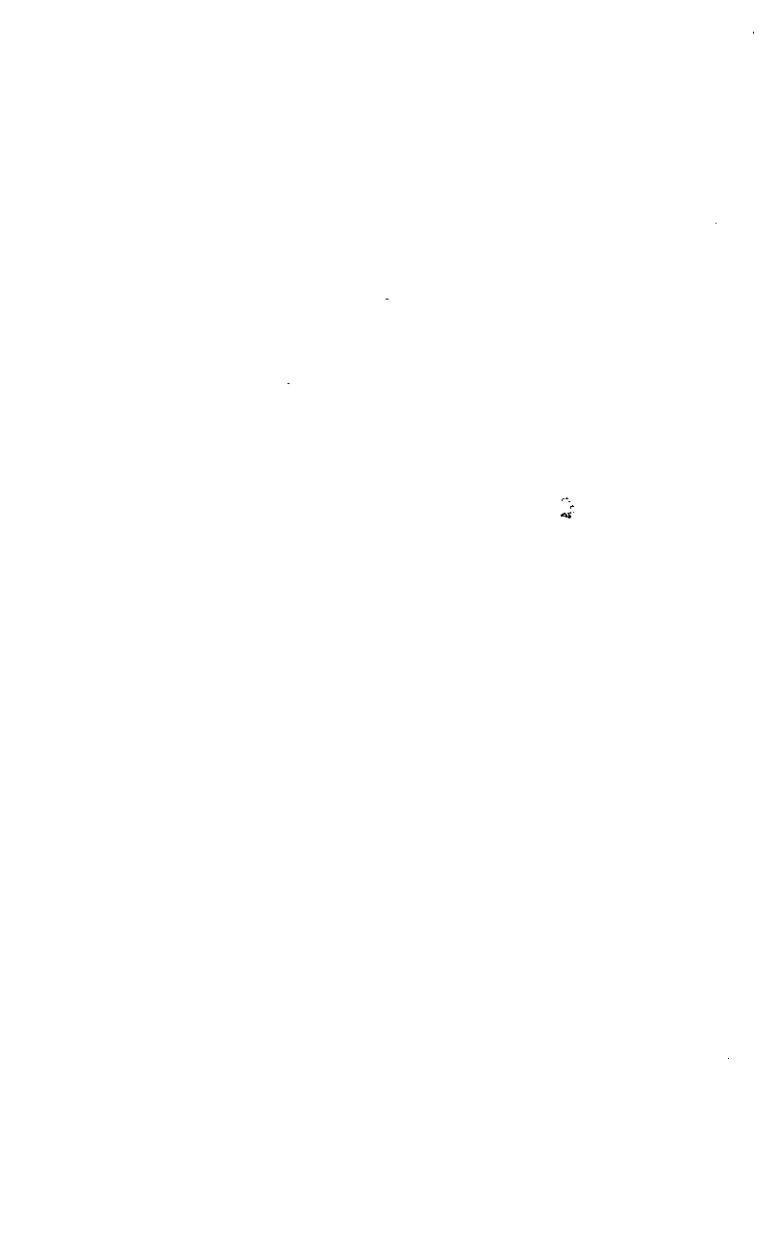


S Y N T A X E

(Estudo da proposição e das palavras em conjuncto)



Da syntaxe em geral

Na Syntaxe estudamos os vocabulos e os grupos de vocabulos considerados em conjuncto no discurso.

Em rigor toda grammatica existe na syntaxe e, sem esta, o estudo das *fórmãs* e da *classificação*, morphologia e taxionomia, seria impossivel.

Seguimos, todavia, a ordem tradicional de conveniencia e commodidade para o ensino.

O fim da syntaxe é determinar a disposição a que devem obedecer os vocabulos para que exprimam um juízo ou *proposição*; e ainda determinar a disposição a que devem obedecer as proposições para que formem um sentido completo ou periodo.

Em verdade, muitos vocabulos juntos só têm syntaxe quando representam um juízo. Assim o grupo: *feito é barro o homem de*, não é syntactico; porém, *o homem é feito de barro*, é um grupo syntactico, porque os vocabulos estão dispostos com perfeita concordancia e dependencia e ajustados de maneira que representam uma série intelligivel de idéas.

A syntaxe, pois, divide-se em duas partes:

Syntaxe das palavras — é a que expõe as regras para expressões das relações entre as partes da proposição.

Syntaxe das proposições — é a que expõe as regras que determinam as relações entre as proposições.

Em qualquer dos casos, os factos capitaes da syntaxe são a **coordenação** dos elementos do dis-

curso e a subordinação (ou dependencia) que entre esses elementos existe.

Antes de estudar a syntaxe das palavras e dos seus usos e empregos, convém adiantar algumas noções sobre a *proposição* em geral.

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juízo, isto é, alguma afirmação.

A PROPOSIÇÃO contém dous elementos capitaes e indispensaveis: o *sujeito* e o *predicado*. Ha, todavia, proposições *sem sujeito*, caso de que trataremos em outro lugar e adiante.

SUJEITO é o ser de que se affirma alguma cousa.

PREDICADO é aquillo que se affirma do *sujeito*.

<i>Sujeitos</i>	<i>Predicações</i>
Os passaros	<i>voam.</i>
Os peixes	<i>não voam.</i>
A vida em Paris	<i>é dispendiosa.</i>
O tempo	<i>consome as cousas.</i>

Em certos casos, que estudaremos opportunamente, pôde prescindir-se do sujeito, pelo menos do sujeito aparente:

Chove
Troveja
Faz calor
Ha muita gente.

Como explica Leo Spitzer, o sujeito suppõe-se obliterado: *Jupiter tonat* e representa em geral uma força da natureza que não necessita expressão.

No caso do verbo *ser*, a palavra que completa o predicado, (como *dispendiosa* no exemplo acima) chama-se **attributo**.

A proposição é **simples** (Julio Cesar venceu os barbaros) ou **composta** (Veio, viu e venceu), ou **complexa**, quando, além do sentido principal, contém proposições dependentes ou accessorias (Julio Cesar, que foi um grande general romano, venceu os barbaros).

Quando tratarmos da *analyse* das proposições, desenvolveremos todas as questões que se prendem ao estudo da proposição.

II

Concordancia do sujeito e concordancia do attributo (1). Complementos

Os elementos communs da proposição, já o vimos, são o sujeito e o predicado.

Os elementos accessorios são os complementos.

As relações de concordancia dos termos capitães da proposição são de duas especies: relações do sujeito com o verbo; relações do complementivo ou attributo com o sujeito e até com o verbo.

1. — RELAÇÕES DO SUJEITO COM O VERBO

Regra geral. — O *verbo* concorda em *numero* e *pessoa* com o *sujeito*.

As casas são altas.

Os Espartanos *respeitavam* a velhice.

Eu *amo* a virtude.

Nós *iremos* depois.

Nota-se nestes exemplos que a *pessoa* e o *numero* do sujeito são exactamente a *pessoa* e o *numero* do verbo.

Esta regra é, todavia, susceptível de algumas modificações.

(1) Leia-se mais adiante o capitulo sobre as *Difficultades de concordancia*. — E tambem a respeito dos verbos *haver*, *ser*, etc., onde se analysam as questões de concordancia que aqui não têm logar. Do mesmo assumpto me occupo na *Selecta Classica*, notas 145 e 183.

1. **Sujeito colectivo.** — Quando o colectivo é seguido de *um determinativo* do plural, o verbo fica no singular, se o colectivo é geral, e pôde ir para o plural, se o colectivo é partitivo:

O exercito dos Persas invadiu a Grecia.

A maioria dos gregos pedia a paz (ou *pediam...*)

A maior parte dos homens morre antes dos vinte annos (ou *morrem...*).

A concordancia *morre* é a normal e de maior uso; só se tolera a segunda — *morrem* — quando muito distante do sujeito. Quando a acção do verbo só pôde ser attribuida á collecção e não separadamente aos individuos, o verbo preferentemente concorda com o colectivo:

“Um troço de soldados enchia o primeiro pavimento do edificio.”

E' claro que a acção de encher um pavimento não podia ser attribuida individualmente a cada soldado.

E' frequente nos classicos deparar-se o plural com qualquer colectivo:

“Ditosa condição, ditosa *gente*
Que não são de ciumes *offendidos*.”

Exemplo de dous casos diversos:

“Nunca me esquecerá aquelle dito teu — que mais *era* para temer um *exercito de ovelhas*, quando *linham* por capitão um leão, que de *leões*, se os capitaneava ovelha.”

Em geral, o colectivo fica (quando concorda no plural) a alguma distancia da palavra dependente:

Se esta *gente* que busca outro hemispherio
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio...

Lus., I, 23.

E ainda no *canto* III, 82:

Logo *todo o restante* se partiu,
De Lusitania *postos* em fugida.

E no canto VI:

Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.

(est. 57)

2. — Sujeitos coordenados e unidos por e —
Quando concorrem muitos sujeitos unidos pela conjunção e ou sem conjunção, o verbo vae para o plural:

“A lua e o sol são astros.”

“Marte, Venus, a Terra, são planetas.”

Cumprê notar que, quando os sujeitos são de pessoas differentes, o verbo no plural concorda com a pessoa que tem prioridade. A segunda pessoa tem prioridade sobre a terceira, e a primeira sobre todas as outras.

— Eu e meu pae *estamos* doentes.

— Tu e Tullia *estaeis* bons.

Estas regras soffrem as seguintes modificações:

a) Embora concorram muitos sujeitos, sempre foi primor e liberdade de estylo deixar o verbo no singular desde que este os preceda na phrase:

Foi grande principio e esperança de saude. *Vida do Arc.*, I, cap. XV.

Bem dita *seja* a paz e a alegria da alma. BERNARDEZ, *Flor.*, I, 23.

Fiz occultamente pelo achar quantas diligencias me *ensinou* a importancia do mesmo caso e a afflicção do meu animo. *Id.*, I, 385.

b) Quando os sujeitos representam a mesma coisa ou pessoa, o verbo fica no singular:

“A dôr, o prazer *envelheceu-o.*”

“Seu filho e successor *subiu* ao throno um anno depois.”

c) Quando os sujeitos representam gradações da mesma idéa, o verbo fica no singular:

“Uma palavra, um olhar, um gesto *basta* para denuncial-o.”

d) Quando a enumeração fica resumida por outra palavra:

“As flôres, as arvores, os rios, tudo se *illuminou* com os raios do sol.”

3. — Sujeitos separados por intercalação. — Quando um sujeito do singular está separado de outros e entre elles o verbo, este igualmente fica no singular:

Assim Deus *quer* e a natureza.

E' construcção propria do verso. Mas ainda na prosa com as intercalações *não só... mas também* (e analogas), o verbo fica (sem rigor) no singular:

“*Não só* a morte, *mas também* a vida é inexplicavel.” (1)

(1) Exemplo colhido por Said Ali.

Não ha rigor quanto a essa regra, e a proposito escreve-me abalisado philologo, o Sr. Firmino Costa:

“Merecem attenção os seguintes exemplos de A. Herculano: “...e em que até certo ponto *estava compromettido, não só* c meu character litterario, *mas também*, o que mais importa, o meu character moral”. (Opusculos, tomo 3.º, 35.) “Com ella. *não só* a aristocracia permanente e hereditaria, *mas também* a individual e moral *seriam* inuteis.” (Ibidem, tomo 4.º, 62.) *Não somente* os hebreus hespanhoes, *mas também* aquella parte da população portugueza que era a mais rica e industriosa, ou *fugira* a occultas ou *padecera* perdas irreparaveis”. (Hist. da orig. da Inquisição, etc. I. 135). “*Não só* a consequencia d'elle impetrante, *mas*

4. — **Sujeitos unidos por nem e ou.** — A respeito de dous sujeitos, o verbó, quando só se refere a um, com exclusão de outro, fica no singular (sem rigor).

“Nem eu, nem elle será nomeado.”

O verbo, quando se refere á totalidade dos sujeitos, vae para o plural (sem rigor).

“Nem Achilles, nem Ulysses estiveram em Lisboa.”

“Nem elle, nem eu temos esperanças de nos vermos.”

“Hortelã, mangerona, ali respiram

Onde nem *frio inverno ou quente estio*

As *murcharam* jámais ou *sêccas viram.*”

5. — **Sujeitos unidos por com.** — O verbo, em geral, concorda com o primeiro:

“Napoleão com os francezes venceu a Europa.”

“O pae com os filhos saiu a passeio.”

Não obstante, quando os sujeitos cooperam todos no mesmo gráo para o fim da acção, o verbo póde ir para o plural: (1)

tambem a do pontifice *eram* interessadas em que a fé se conservasse em toda a sua integridade e pureza”. (Ibidem, I, 174.)”

E em Vieira, segundo aponta Saíd Ali:

“Os que o condemnaram á morte não *foi* só Herodes senão Herodes e mais o demonio. *Sermões*, I, 121.

A proposito do sujeito — *mais de um* — que regularmente pede o verbo no singular, acha Firmino Costa digno de nota o exemplo de Machado de Assis.

“*Mais de um* de nós *poderíamos* dizer com sinceridade como é que... (Relíquias, 146).”

(1) Exemplo colhido pelo Dr. Silva Ramos, em Rodrigues Lobo.

“Mas o velho *com* os de sua companhia lhes *pediram* que passasse ali a sesta. *Primavera*, 265.

“Que eu co' o grão Macedonio e co' o Romano
Demos lugar ao nome lusitano.”

“O tigre com os leão ganhavam dinheiro nas feiras.”

Rodrigues Lobo escreveu na *Côrte da Aldeia*, Dialogo I:

Um curioso em Italia estando com sua mulhier ao fogo
lendo o Ariosto *pranteiaram* a morte de Zerbino....

6. — **Sujeitos da fórma** — “um dos que” — O
verbo da segunda proposição deve estar no plural:

“Eu sou dos que *entendem*...
Sou *um* dos que *pensam*.”

Deve-se, pois, considerar excepçionaes (ainda
que não faltem exemplos entre os antigos) todas
as construcções como a de Julio Diniz (Pup. 3.º):

“O reitor foi *um dos que* mais *se importou* com
a preocupação do homem.” (1)

Exemplos (citados por Firmino Costa):

Um dos homens que mais *logrou* dos bens deste mundo,
foi Salomão.”

Bernardes — *Ex. esp.*, I, 299.

Elle foi *um dos* que mais contradisse el-rei.

Fernão Lopes.

Entretanto, esses exemplos já se não conformam com o
uso moderno mais geral.

7. — **Sujeito da phrase** — *é que*. — O sujeito
do plural não modifica o primeiro verbo:

“*Os moços é que serão* os velhos d'amanhã”.

(1) Trato sobrejamente do assumpto na minha *Selecta Clas-*
sica, nota 151.

2. — RELAÇÕES DO SUJEITO COM O COMPLETIVO

Attributo adjectivo. — Quando o attributo é um qualificativo, varia em genero e numero para concordar com o sujeito:

As rosas são bellas.

O cravo é branco.

Quando existem muitos sujeitos de *diversos generos*, o attributo toma o plural e o genero masculino.

As casas e os palacios são luxuosos.

Esta regra não é de rigor grammatical, mas meramente logico. Existem exemplos classicos em contrario.

“Não ficou na fortaleza *parapeito* nem *ameia* que não fosse *arrazada*.”

“O *qual* (serviço) e a *honra* que V. A. me faz e quer fazer, *ficaria frustrada* e *exposta* a um effeito tão contrario.” (1)

Esta excepção resulta de que o ultimo substantivo em concurrencia é *feminino*. Como no exemplo de Luis de Camões:

Com peitas, ouro e *daivas secretas*
Conciliam da terra os principaes.

Lusiadas, VIII — 53.

Se invertermos as primeiras palavras do primeiro exemplo, poderemos dizer, ainda que pouco elegantemente:

Os palacios e as *casas* são *luxuosos*.

(1). Ferreira de Andrade Junior. *Gramm.*

O melhor é incluir por ultimo o nome masculino.

Note-se, todavia, que muitas vezes se empregam os pronomes *vós* e *nós* para designar uma pessoa unica. Neste caso o attributo fica no singular:

Estamos *convencido*.
Sois *generoso* e bom.
Trabalhae e sereis *abençoado*.

J. de Barros disse: "Antes sejamos *breve* que *prolixo*", e Fernão Lopez: "Nós não somos *abastante* para compridamente louvar".

Attributo participio. — O participio é variavel quando conjugado com o verbo *ser*:

As flores *são orvalhadas* pelo relento.

Attributo do verbo TER. — O attributo d'este verbo é chamado supino, e é invariavel, segundo o uso da syntaxe moderna, e quando conjugado com o verbo *haver*:

Os classicos tinham *enriquecido* a lingua.

Comtudo, o uso da syntaxe antiga ainda é seguido, embora com certa parcimonia.

Nos *Lusiadas* é frequente a variação do participio:

Da determinação que tens *tomada* (I, 40)
Que tanto mar e terra tem *passadas* (II, 76)
Depois de ter *pisada* longamente
C'os delicados pés a area ardente (V, 47).

E em outros lugares. (1)

(1) Exemplos colhidos no *Dicionario dos Lusiadas* — de Afranio Peixoto e Pedro Pinto — pag. 28.

3. — COMPLEMENTOS

Os elementos secundarios são os complementos dos sujeitos ou dos verbos da proposição. São dispensaveis e nem sempre occorrem no periodo.

O sujeito-substantivo pôde ter duas sortes de complementos: o APPOSITIVO e o DETERMINATIVO.

Complemento appositivo. — Ha quando o substantivo é especificado por outro. Dos dous substantivos um indica o *genero* e o outro a *especie*.

O titulo de *barão*.
A Republica do *Brasil*.
A cidade do *Rio*.
O anno de *1896*.
O mez de *Setembro*.
O nome de *amigo*.

Estes complementos são appositivos e podiam ter, em vez de preposição, a simples apposição dos nomes: o titulo barão, a cidade Rio, o nome amigo. "Pela cidade Roma", diz F. Elysis — *Fab.*, II, 7.

Quando não existe a preposição, existe, não já complemento, mas simples apposição: *Montes Uraes*, *Cabo Non*, *Lago Lemano*.

Em João de Barros é commum a omissão da pãrticula: cidade Ormuz, cidade Goa, cidade Evora (II, II, 3; II, V, 1; III, I, 6).

E em Camões:

Já na *cidade Beja* vae tomar
Vingança...

Lusiadas, III, 64.

Exemplos familiares de apposição são os da preposição *de*, quando se designam qualidades de pessoas: o *bom* do trade, a *falsa* de sua sogra. (E' uso commum ás linguas romanas, que Vaugelas denotava como *bien étrange*, *mais bien français*).

Complemento determinativo. — E' o que exprime a determinação por outro nome designando objecto differente: *A casa do governador*. *A força do vento*. *A dedicação á patria*. *O recurso contra a calumnia*. *O gosto pelas letras*.

Estes complementos não exprimem limitação de *genero* e *especie*, como os appositivos. Aquí o complemento indica objecto de significação differente, e que não se pôde incluir na primeira. Por isso não se poderia dizer: *dedicação patria*, como se diz *cabo Trafalgar*.

Em João de Barros notam-se apposições syntacticas, como na expressão *a Deus misericordia*.

Partiram-se *a Deus misericordia* sem piloto (*Dec.*, II, I, 7.)

Havendo dous dias que andaram na lingua das ondas *a Deus misericordia*, chegaram á terra (*III, IV, 5*).

Os verbos podem ter varios complementos: *directo, attributivo, indirecto, circumstantial*.

Complemento directo (1) — é o nome do objecto indicado ou produzido pela acção do verbo:

Escrevi *um livro*.
Respeitemos o *uso*.

O complemento directo, quando é substantivo, não vem regido de preposição, excepto quanto aos nomes proprios (ou personificados):

Amo o estudo.
Ama *a Deus*.
Mandou *a Pedro*.
Amo todos ou a todos.

Ainda assim, quando ha dous complementos com *a*, o primeiro não tem a preposição:

Vendeu *a Pedro*.
Recommendou Pedro *a Mathias*
Vendeu José *aos mercadores*.

(1) Objecto directo.

O complemento directo, sendo infinitivo, vem precedido de preposição com alguns verbos.

Com os verbos *começar, acabar, cessar*, seguidos de infinitivo, ou *travar, tomar, arrancar*, com substantivo, o complemento directo tem a preposição *de*:

Começar *de* escrever.
Acabou *de* escrever.
Cessou *de* escrever.
Arrancam *das* espadas.

Sendo infinitivo, o complemento directo traz a preposição *a* com os verbos *começar, principiar, aprender, ensinar* (com mais frequencia que com a preposição *de*):

Começou *a* dizer.
Ensinou *a* falar.
Principiou *a* ler.

O complemento directo póde ser uma proposição:

"Dá *que eu possa nesta vida, etc.*"
"Não estranheis *se minh'alma endouãce.*"

Complemento attributivo. — Ha alguns verbos que admittem, além do complemento directo, outro complemento attributo d'esse ultimo:

Eu o nomeei *general*.
A *Herodoto* chamam o *pae da historia*.
A França declarou a *Alsacia* um *territorio neutro*.

Complemento indirecto (1) — Além do complemento directo, ha o complemento indirecto, que indica a pessoa ou cousa em vista da qual a acção é feita.

(1) Objecto Indirecto.

Em geral, o complemento indirecto representa a ampliação exigida por um verbo de sentido incompleto:

Utilizou-se do *methodo*.
Deu um livro a *João*.
Accusou o réo *de roubo*.
Admirou-se *do espectáculo*.
Emprestei-lhe um livro.

Complemento circumstancial (1). — E' o que indica circumstancia de tempo, modo, logar, etc.:

Logar — Passou *pela Italia*.
tempo — Ha chuvas *no verão*.
companhia — Saiu *com outros*.
causa — Desmoronou *com a chuva*, etc.

Os grammaticos e analyistas dividem os verbos em:

a) os de *predicação completa* (sufficiente ao sentido):

Pedro *morreu*.
Chove, ha tres dias.
Elle *estuda* muito.

b) os de *predicação incompleta* os que necessitam qualquer complemento:

Pedro *acabou os seus dias*.
José *estuda arithmetica*.
Choveu pedras.

Esses e outros casos cabem melhor no capitulo da *Analyse logica*.

(1) Adjuncto adverbial, como tambem lhe chamam.

III

Syntaxe do substantivo e do adjectivo

Ordem e collocação. — Os substantivos, em geral, precedem os qualificativos: *Homem trabalhador*.

Póde ser invertida a ordem: *real merito, merito real*.

Ha mister considerar que não existe arbitrariedade nestas inversões, de modo absoluto. A collocação em primeiro lugar é determinada pela emphase e pelo calor da idéa; depois, o uso já consagrou a collocação de certos epithetos que, deslocados, perderiam o significado proprio. Comparem-se os exemplos:

Santissimo Sacramento	— Sacramento Santissimo.
Altos céos	— Céos altos.
Santos padres	— Padres santos.
Amor proprio	— Proprio amor.
Belle homem	— Homem bello.
Todo homem	— Homem todo.
Certa manhã	— Manhã certa.
Máo signal	— Signal máo.
Novos homens	— Homens novos.
Causa primeira	— Primeira causa.
Dias longos	— Longos dias.

Além d'estes casos, que são numerosissimos, ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo que é inadmissivel a inversão. Taes são, v. gr., *Deus padre, estrella fixa, mão direita, deputado federal, codigo civil, illustrissimo senhor*, etc., que soam como se fossem palavras compostas.

Em geral, nas chamadas clausulas de participio, este geralmente antecede: *Vistos os autos... Consideradas estas razões... Acabado o trabalho...*, etc.

E', porém, permittida a inversão: *estas razões consideradas... isto posto* ou *posto isto*, etc., mórmente com as palavras *este, esta, isto*.

Os epithetos necessarios ou de uso tradicional, em geral, precedem o substantivo: *o piedoso Eneas* (*Lus.*, II, 45), *o jacundo Ulysses* (*ib.*), *a tenebrosa noute*, *o aspero rochedo*.

Mas não é regra absoluta (*Albuquerque terribil*, *Castro forte*, *Venus bella* (*Lus.*, I, 33), e, ao contrario, é de uso pospôr os epithetos de nomes de reis ou celebridades: *Carlos, o Temerario*; *Plinio, o Moço*.

Genero. — A variação de genero dos substantivos produz frequentemente certo desvio de sentido. O feminino ganha maior extensão na idéa:

Madeiro	—	madeira
Fôlhó	—	folha
Fructo	—	fructa
Quadro	—	quadra (1)

— O nome *masculino* é o que designa a *especie*:

O *leão* é carnívoro. O *lobo* é voraz.

O feminino é usado quando não ha masculino (a avestruz, a rã, a formiga, a abelha), ou quando o feminino nos animaes de criação é o que mais nos interessa: a *gallinha*, a *ovelha*, as *pombas*.

O uso de formar femininos em *enta* dos nomes em *ente* como *presidenta*, *almiranta*, *infanta*, se tem pouco generalizado.

(1) Demos já na morphologia a explicação desses femininos que correspondem a um plural em *a*.

Tambem é digno de nota que os generos no correr do tempo soffreram variações:

A palavra *mar* foi antigamente feminina. e isto ainda se nota em *prea-mar* (*plena-mar*). Cf. o francez *la mer*.

O numero de variações historicas dos generos é bastante consideravel. *Theorema*, *planeta* e *problema* eram femininos, como o eram e são os nomes gregos em *a* desde cedo introduzidos: *freima*, *broma*, *teima*, *almorreima*. A palavra *linhagem* era masculina. Ainda hoje têm genero incerto: *scisma*, *personagem*, *phenix*. Foram outr'ora masculinos: *linguagem*, *arvore*, *tribu*, *linhagem*. Foram femininos: *clima*, *mappa*, *diadema*, *fim*, *planeta* e muitos nomes gregos terminados em *a*. Leia-se o que já escrevemos na primeira parte d'esta grammatica, a este respeito.

Lembremos os exemplos de Camões:

Mas já *a planeta* que no céu primeiro
Habita cinco vezes *apressada*...

Lus., V, 24.

Ou quem o *tribu* illustre destruiu
De Benjamin ?

Lus., III, 140.

Os adjectivos em *cz* não tinham feminino, como ainda hoje *cortez*, *montez*. Ainda no seculo XVIII escreveu Diniz:

A nossa *portuguez* casta *linguagem*.

Hyss., V.

Numero. — As variações de numero tambem denotam variação de sentido. Em regra, o plural dá sentido abstracto á palavra:

Honra — honras
Côrte — côrtes
Parte — partes
Letra — letras

— Por vezes, o numero nas palavras é uma questão de estylo. E' frequente na poesia o emprego do plural: *os céos*, *os véos*, *as maguas*, *as saudades*.

— Por vezes, o singular não envolve unidade precisamente, mas symboliza as differentes partes de igual natureza: o *dedo*, o *braço*, a *orelha*, a *perna*, o *pé*.

— Os nomes proprios, da forma do plural, que indicam unidade de tal modo que não são acompanhados de artigo, exigem a concordancia no singular. Notem-se os exemplos:

Montes-Claros fica na planicie.

Buenos Aires é maior que o Rio de Janeiro.

Comparem-se aos nomes que trazem o artigo:

Os Alpes ficam na Suissa.

Os Estados Unidos fizeram guerra á Espanha.

A imitação da syntaxe franceza occasiona certas divergencias no emprego do singular ou do plural:

Bom dia — por — bons dias.

Agua morta — — aguas mortas.

Dia de pascoas — — dia de pascoa.

Tambem é tendencia de origem franceza supprimir certos epithetos e palavras:

O gosto — por — o bom gosto.

Os costumes — — os bons costumes.

O panico — — o terror panico.

São expressões tão frequentes que parecem justificadas pelo uso actual.

Concordancia do qualificativo. — O adjectivo, em geral, concorda em genero e numero com o substantivo:

Mulher sensata

Homens velhos